



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49

- Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: O nosso Conservatorio — Anton Buckner — Notas vagas — Noticiario

## O nosso Conservatorio

Se o teatro portuguez nasceu no palacio dos reis, — assim o disse Almeida Garrett, — a musica, diremos nós sem receio de contestação, nasceu d'uma realza mais superior, pois irrompeu em plena liberdade como as flores do campo, e é uma arte essencialmente espontanea e popular.

A musica, tão universal como a palavra, tornou-se como ela um facto positivo da vida social; do influxo da união da palavra com os sons, nasceram as canções populares, que são a alma das nações: elas reproduzem pela sua linguagem, o sentir e o caracter típicos de cada nacionalidade.

E' pois a musica uma arte geral, e a mais extensiva de todas as belas artes. A sua influencia na vida das nações é tão importante, que a devemos considerar como um facto sociológico e nunca como uma arte de luxo ou como um simples passa-tempo.

Os periodos reformadores da musica podem fixar-se pelas evoluções sociais.

Na cõrte de Luis XV, vamos encontra-la frivola, pretenciosa, cheia de figurarios e rendilhados, acompanhando o fausto deslumbrante da cõrte onde uma Pompadour brilha como a mais fulgurante estrela.

O sopro da revolução correndo de norte a sul levantou a França, n'um impulso heroico, para conquistar a Liberdade. Então a musica transforma-se; já não é a *coquette*, caprichosa e empoada, que arras-

tava a superficial vaidade pelos salões da cõrte; os seus ritmos tornam-se energicos; a melodia é franca, cheia de grandeza; é a verdade clãra e simples da imparcialidade, é uma vontade fria e sevãra impondo-se pela força e conquistando pela razão. Põde dizer-se que os compositores sentindo sobre a epiderme o sopro da Razão racionalizam então a musica.

Tambem a musica ligada às manifestações da vida social, deixa de ser o elemento indispensavel da vida religiosa para se subordinar às exigencias da vida publica, e, acompanhando a marcha do progresso, procura um ideal mais completo da igualdade, mais irreverente das leis sociais. Impulsionada pelas convulsões sociais, aparece, lança-se num mundo d'irreverencias, desprezando todos os principios da até ali verdadeira arte, e firma uma nova fase revolucionaria pela dissonancia discordante de todas as leis scientificas.

E' a musica a companheira inseparavel do povo; cantando, ele espalha as suas maguas e amenisa as horas penosas do trabalho; como astro brilhante ela lhe serve de guia, o anima e lhe dá força tambem para as luctas sociais.

Convulsiona-se uma sociedade, agita o povo a sua frente e estremece o seu dorso de gigante, e a musica aparece como a lava depuradora saindo das entranhas do vulcão, e é a *Marselheza* arrazando a Bastilha, é a *Maria da Fonte* pondo n'um pedestal vigoroso a até ali rentinha vontade popular, é a *Portuguesa* derrubando séculos de realza monarchica.

Estes hinos patrióticos, são a vontade das nações, com elas vivem e só com elas morrem.

Se os cantos populares serviram de base para se criarem as escolas Alemã, Franca, Italiana e Russa, porque não teremos também uma escola perfeitamente nossa?

A escola Russa, a mais moderna de todas as escolas, criou-se pelo exclusivismo típico dos seus cantos populares.

Os seus fundadores não foram os profissionais, foram os eruditos, sábios e filósofos, homens cujo moral e intelectual se elevou pela literatura e pela história da música. Eles estudaram todas as transformações, todas as formas como a música pode ser praticamente realizada e desenvolvida; eles fixaram as suas bases na análise das formas típicas das varias canções, nas cadencias e na textura melódica dos seus cantos.

Não podemos negar que somos um paiz excepcionalmente musico; as nossas canções populares são originalissimas, cheias ora d'uma languidez mórbida, ora d'uma frescura vital, tendo resumidos em si os dois polos sentimentais da vida: alegria e tristeza.

As nossas melodias, repassadas quasi sempre d'uma sonhadora melancolia, formam quadros d'uma pitoresca originalidade inconfundivel.

A musica, tão primitiva como a palavra e a ela tão ligada, tinha de impôr, forçosamente, o seu caracter particular a cada nacionalidade, do mesmo modo que succedeu com as varias modalidades da linguagem chamadas idiomas. Tal estudo compete a homens eruditos, de profundos conhecimentos literarios, que possam discriminar no conjunto das escolas de musica, a parte original e caracteristica da nossa intuição musical, bebendo na fonte pura das nossas canções, e fundar a escola da musica portugueza aproveitando a riqueza melódica que tão espontaneamente brota entre o nosso povo.

Nos logarejos mais despovoados e incultos, lá vamos ouvir o trabalhador, ainda o mais rude, cantarolando a sua canção.

Quem a compoz? Ninguem, julgar-se-ia, pelo anonimato em que sempre se envolve modestamente a canção popular; foi esse anónimo que encerrará a síntese pura e embrionaria da alma d'uma nação — foi o povo.

Quem lhe ensinou a forma cadencial?

Quem lhe ensinou a ritmar?

Quem lhe indicou a forma de modular as diferentes tonalidades?

Quem produziu afinal todo esse matizado de cantos, ora alegres ora tristes, ora profundos e intensos, ora descuidosos e vaporosos?

Foi esse simples homem ou essa simples mulher do povo, que não sabiam ler, mas que souberam juntar som a som a expansão da sua alma, por assim dizer nas circumvoluções do sentimento, até fazerem a sua canção, dando á vida o seu sentir como poderiam exprimir os seus pesares e alegrias pela fala. E' nessas modalidades musicas primitivas que está a base da nossa escola.

E' a musica pela sua simplicidade, a arte que, mais facilmente influi no espirito d'um povo, apesar de englobar em si, pelo lado scientifico, a teoria das matemáticas, as leis da acustica, a filosofia, a psicologia e a estética.

Ela, pela sua simpleza, traduz com mais verdade que nenhuma outra arte, a linguagem viva do sentimento.

Se a religião foi um freio, nos tempos idos em que a veniága sacerdotal se lhe não mostrara, que sustava os impulsos do crime, sejam hoje as artes que dominem e regulem o espirito popular conduzindo-o ao ideal da perfeição, libertando-o no estado incivilisado, sociabilisando-o cada vez mais pelo pensamento e sentimento nitido das belezas que no seu amago encerra o ser humano.

Em Portugal muito ha a fazer neste sentido, mas, para isso não basta, quanto a uma dada arte, aniquilar sistemas, implantar dógmas novos, proclamar a liberdade, decretar leis; tais reformas, por muito valiosas que sejam, não poderão caminhar, sem que o povo tenha educação precisa para as comprehender.

As exigencias artisticas impõem-se dia a dia, e todas as escolas pretendem alcançar uma perfectibilidade crescente. E' esta missão, que, hoje mais do que nunca, deve competir ao professorado: diligenciar igualar, se não ultrapassar, em relação ás escolas similares, o desenvolvimento artistico da escola a seu cargo.

Para que nos possâmos impor ao mundo culto como nação civilisada, que em materia d'arte musical caminha a par das melhores no género, não bastará arrazar as paredes do antigo Convento dos Caetanos, é preciso reformar por completo o programa d'ensino, pelos meios modernos que a sciencia determina, e que isto se faça com demonstrações praticas. Esta reforma impõe-se inadiavel porque, infelizmente, seguimos na esteira das nações mais atrasadas em matéria de arte, mor-

mente a musical. E não é com palavras e vãs promessas que se reconstrui um corpo cuja mecânica se decompõe como o actual Conservatorio de Lisboa; é por meio d'uma acção activa e incisiva que os artistas poderão levantar as artes, e muito especialmente a musical que, por ser a portabandeira de todas as outras, não admite delongas em ser tratada.

Basta de relatorios pomposos; basta de vaidades pessoais; basta de enganos. E' tempo que a Escola Nacional de Musica ocupe o seu logar no mundo artistico, e que a unica escola de musica do paiz cumpra a sua missão, e os programas que promete áqueles que se acolhem sob os seus auspícios.

Ter um Conservatorio, ter professores e ter alunos não basta; se o governo cumpre o seu contrato com o professorado não o cumpre com os alunos; porque lhes não dá o que promete: a educação artistica. Para se conseguir esse fim dependente apenas da boa vontade do Governo, considerando a arte pelo seu justo valor, é mister que a acção governativa não seja tolhida e entravada pelas entidades que superintendem no ensino, mercê da má vontade ou desorientação.

A orientação das direcções que o Conservatorio tem tido, tem-se limitado e limitada-se, pelo indifferentismo, a seguir os sistemas rotineiros, preocupando-se com mil futilidades, e deixando a parte artistica abandonada ao mais infeliz acaso.

Ensinar a musica ou fazer apenas executantes, mais ou menos empiricamente, não é formar artistas. A diferença é grande: uns vivem da arte outros vivem para a arte.

Seguir ou copiar os regulamentos e organização dos Conservatorios estrangeiros é perfeitamente inaceitavel, porque nem a nossa vida artistica nem a nossa educação social são de molde a acompanhar povos diversos sob o ponto de vista étnico e sociológico, com tendencias musicais perfeitamente diversas e por vezes antagónicas ás nossas. Seria o mesmo que querer obrigar um organismo vivo a modificar repentinamente todas as suas tendencias num sentido inverso, o que lhe traria atrofia pura e simples ou flagrante degenerescencia.

O que tem sido as reformas do Conservatorio desde a sua organização em 1836?

Pouco ou nada. Em quanto todos os estabelecimentos d'ensino mais ou menos progrediam inscrevendo nas suas bandeiras modernos princípios civilisadores, na musica, mercê do espirito rotineiro

d'aqueles que cristalisavam em fórmulas antigas, ficámos n'um estado lastimavel. Eis a razão por que o Conservatorio de Lisboa precisa hoje ser reformado d'alto a baixo para se tornar realmente no que deve ser, a Escola Nacional de Musica.

Para que n'isso se possa converter, e ter toda a razão d'existir numa nacionalidade renovada precisa:

1.º Reorganisar as classes, horarios e cursos de forma que os alunos nunca tenham menos de duas lições por semana.

2.º Modificar os programas d'ensino segundo as exigencias modernas da arte.

3.º Adotar-se o ensino paralelo.

4.º Completar o ensino dos alunos de forma a torna-los musicos racionalistas e filósofos da musica e não simplesmente mecânicos.

5.º Fazer mestres que saibam ensinar, subsidiando-os, a fim de poderem aprender no estrangeiro os novos processos d'ensino, que adaptarão ás necessidades do nosso Conservatorio.

6.º Criar-se o curso da lingua portugueza.

7.º Dar uma nova forma directriz tanto á parte artistica como á administrativa.

8.º Atrair ao Conservatorio todos os elementos artisticos dispersos pelo paiz.

9.º Concentrar todo o ensino da musica, tanto para civis como para militares nas aulas do Conservatorio.

10.º Procurar aumentar a concorrência nos cursos pouco concorridos.

11.º Instituir cursos nocturnos.

12.º Remunerar condignamente os professores, com obrigação diaria de serviço de 3 horas.

13.º Abrir um novo horisonte aos compositores portuguezes, facilitando-lhes o poderem concorrer com obras d'ensino para a formação do programa oficial.

14.º Limitar a uma as pensões do Estado no estrangeiro.

15.º Nunca limitar o numero d'alunos no curso, antes abrir francamente as portas do ensino a todas as vocações ou tendencias.

16.º Reduzir os quadros dos professores efectivos e aumentar o dos contratados passando os actuais auxiliares a contratados tambem, com o que se evitará que quando haja frequencia diminuta o Estado esteja a dispendir dinheiro escusadamente.

17.º Tornar finalmente o Conservatorio n'um verdadeiro centro artistico onde os professores ensinem a sério, os alunos aprendam e estudem, os cultores da arte encontrem a illustração pelo contacto dos

mestres e a proteção para o desenvolvimento das suas inteligencias e aptidões.

Partindo d'esta ordem de idéas, seriam estes os pontos capitais d'este programa reformador e sobre os quais fundamentaria minuciosamente as minhas conclusões, se tanto me fosse exigido para as justificar.

Não me dispense de tratar da classe dos musicos militares, que, apesar de ser um campo essencialmente melindroso, por isso mesmo carece ser estudado.

(Continúa.)

J. E. DA MATTA JUNIOR.



## Anton Bruckner

(Conclusão)

O *Scherzo* é bello e no *Adagio* (3.º andamento) Bruckner escolheu um thema que só um grande artista pôde tratar: a paixão tranquillamente expressada.

O *Te-Deum* colloca-se no primeiro lugar da sua obra religiosa se bem que possa ser considerado parte integrante da 9.ª e com ella seja publicado; quanto ao quintetto nada ha mais injustificado do que o esquecimento em que tem cahido, pois decerto no seu tempo teria causado uma verdadeira revolução e ainda hoje vale mais que muito quartetto joven-allemao cujas formulas cansadas as *Hochschulen* transrhenanas nos querem fazer aceitar por verdadeira e pura arte.

Como homem era Bruckner o mais sympathico e agradável que se possa imaginar, digno filho do bom povo trabalhador, alegre e piedoso, da Alta-Austria. Nas cartas a Mottl mostra bem a sua alma grande e simples, de «creança crescida» (*Grosses Kind*), sempre prompta a admirar o bello e o bom; modesto e de uma total ausencia de arrivismo quando se tratava das suas obras, sem sombra de rancor deante dos mais virulentos ataques, tão estudioso que sendo quasi exclusivamente um autodidacta conseguiu uma technica prodigiosa, Bruckner lembra outra figura de grande musico post-wagneriano: Cesar Franck. Effectivamente como elle era organista, como elle toda a vida incom-

prehendido e só tarde obtendo uma limitada gloria, finalmente catholico fervoroso como o genial auctor das *Béatitudes* e especialmente feliz quando traduz em musica as suas aspirações religiosas. Nada mais curioso que esta ingenua religiosidade a atravessar o periodo litterario do seculo XIX de 60 a 90.

O ponto de vista germanico a proposito de Bruckner é discutir com a competente immobilidade da argumentação se elle era melhor ou peor que Brahms, com grande reforço de *objectivos* e *subjectivos* (o subjectivo sempre Brahms) sem dizer uma palavra sobre as qualidades verdadeiramente interessantes por elle reveladas. E entre essas qualidades nada menos do que as seguintes: alargamento da forma symphonica, applicação da *forma cyclica* a partir da 2.ª symphonia e já de maneira muito desenvolvida nas ultimas (1) e introdução da grande orchestra wagneriana na symphonia.

Durante o periodo agudo do wagnerismo devia-se ter saciado o publico com a a symphonia bruckneriana; não se fez isto e Bruckner, um condensador, um musico do presente, eminentemente impressionado da epocha e do gosto em que viveu, como nos apparecerá hoje que a sua folha está voltada?

Uma coisa em todo o caso é eternamente bella e foi por elle admiravelmente comprehendida: a nobreza da aspiração artistica.

LUIZ DE FREITAS BRANCO.

### BIBLIOGRAPHIA

*Anton Bruckner*, (1895) — Franz Brunner.

*Anton Bruckner*, (1905) — R. Louis.  
*Erinnerungen an A. B.*, (1901) — C. Hruby.

*Biogr. Jahrbuch*, (1897) — H. Rietsch.  
*Briefe an Mottl*. (Appareceram no *Schváb. Merkur*, 20 Fev. 1900).

*Musikal. Wochenblatt*. (Anno 1898, p. 209 e seg.).

*Concerte Componisten und Wirtuosen der letzten 15 Jahre*. Hanslick.

*Musique d'autrefois et d'aujourd'hui*, (1912) — J. Marnold.

(1) A *forma cyclica* de Bruckner não chega a ter a importancia de um grande systema, consciente, como em Cesar Franck e d'Indy; achamo-la no entretanto muito digna de nota.



## Cartas a uma senhora

189.<sup>a</sup>

De Lisboa.

O *eu* é sempre odioso, o que não o livra de ser também ridículo. Quem disse isto? Não sei — ou não me lembro.

Mas está combinado figurar este ditado como uma d'aquellas verdades que não admittem contradicção.

Sómente, sómente ha excepções, e certos *eus* tomaramos nós que elles falassem a miudo.

Por desgraça não me é licito acolher-me á sombra de nenhum d'elles, e assim fica egualmente combinado que hoje, querida amiga, terei de ser talvez odioso, talvez ridículo, talvez as duas cousas juntas, porque irei falar-lhe de mim — para poder falar-lhe de outrem.

Ahi por 1866 ia nos meus sete annos e decorridos os dois que passara n'um collegio de meninas, resolveu a santa e inesquecível alma que n'este mundo me educou e dirigiu transferir-me para um collegio — dito de meninos.

Urgia começar a preparar-me para o meu primeiro exame, e embora as materias então adoptadas em instrucção primaria não assustassem de certo as benevolas mestras que me haviam aturado até ali, parece que o costume ordenava que fosse um professor quem tomasse conta da gente do meu sexo.

Entrei pois para o chamado Collegio Villar, sendo confiado á direcção pedagogica de um moço exuberante e sympathico, que volvidos tempos se especialisaria n'outra ordem de materias.

Sabe como se chamava esse moço? Leopoldo de Carvalho.

O Leopoldo que foi actor, auctor, ensaiador? perguntará intrigada; esse mesmo, boa amiga, e sem duvida será novidade para numerosas creaturas d'hoje este primitivo avatar do saudoso homem de bem que ha pouco partiu ali de cima do Gymnasio a dormir o seu derradeiro somno.

Mas não é precisamente para lhe dizer

ter o Leopoldo sido o meu primeiro professor de instrucção primaria que invoquei o seu nome, e sim para lhe revelar uma seguramente ignorada faceta d'este formoso espirito, que alguns porventura imaginarão o pigarrento caturra que na caixa do theatro resmungava ou corrigia.

Não, minha senhora; Leopoldo de Carvalho era por essa epoca a propria alegria personalisada e era sobretudo a propria bondade sem limites.

Na aula seriamos acaso uns 30 ou 40 rapazinhos endiabrados e traquinas, possivelmente teimosos, sem a menor contestação impacientes e desattentos.

Pois mestre Leopoldo, com historias que só elle sabia, com ditos que a proposito lhe saiam, com expedientes a que por finura recorria para o fim de conseguir silencio e compostura do seu publico, tendendo mais para a brincadeira do que para o estudo, operava este milagre estranho: fazer-se ouvir, fazer-se amar e o que mais é — fazer-se entender.

De certo brincavamos, mas estudavamos, e sempre que elle de nós exigia attenção, esta surgia sem esforço.

Duvido que isso fosse regra commum pelas alturas de 1867 na maioria dos collegios não só de Lisboa, mas de todo o Portugal.

Em mais adeantado periodo travei conhecimento com a negregada *menina dos cinco olhos*, (devo com lealdade confessa-lo antes pelas maldades que praticava que pelas disciplinas que seguia); na aula, porém, do paciente e generoso amigo das creanças que Leopoldo nunca deixou de ser, jamais logrei saber que coisa era isso de palmatoria. Como quem, antecipando-se a uma phase bem posterior de ensino, advinhasse qual seria o lema prégado no presente, o pedagogico por instincto desadorava recorrer aos maus modos, ás grosserias, ao semblante carregado e, tambem — o que era fundamental — ás explicações *ex cathedra*, ao tom dogmatico e abstruso na catechese. A brincar quasi, a sorrir sempre, com ternura nos olhos e com suavidade na voz lá nos ia ministrando as regras da gramatica, da gramatica, ó Deuses! as quatro operações, e a historia e a corographia lusitanas.

Assim entravamos na comprehensão dos mysterios varios que constituíam as materias — chamadas de exame.

Como o obtinha? Não saberia explicar-lh'o, querida amiga, e apenas recorde que as suas explicações de historia e essa maneira de nos levar a ler com um tal ou qual colorido, com a pontuação marcada,

e com a possível comprehensão do texto, da parte de cerebros de seis, de sete, de oito annos, ainda n'esta hora alta de maravilhas pedagogicas não seria methodo para desprezar.

Por mim filio esses verdadeiros prodigios que elle realisava, com especialidade em leitura, nas suas qualidades natas de actor, de mimico, de futuro ensaiador. Com a imaginação plastica dos artistas, integrava-se no espirito de cada um de nós e extrahia d'elle o segredo de interessa-lo por aquillo que havia a resolver.

Era um creador de expressões, de estados d'alma que por seu influxo nos levava a crear, a produzir.

Só assim explico este caso, de outro modo inexplicavel, de nunca se lhe ter tornado preciso recorrer aos grandes meios da ameaça, do terror, do castigo fero e tantas vezes estúpido e anti-pedagogico, e de haver por intuição comprehendido que creanças da idade d'aquellas que lhe frequentavam a aula, se levam pela persuasão, pela doçura, pela paciencia e que a obrigação de quem as ensina será repetir a noção transmittida tantas vezes e de tantas fórmulas diversas, quantas forem indispensaveis para serem comprehendidas e para serem fixadas.

Ah! Querida amiga, que enormidades nos forçavam a aprender n'esses remotos dias de 67; que enormidades e que sandices!

Graças comtudo ao bom senso instinctivo de certos professores e á abençoada faculdade de esquecer que em parte nos salva a todos de em absoluto nos imbecilismos, as coisas vinham a final a passar-se pouco mais ou menos como se passam hoje, em que ha um instrumental pedagogico e uma orientação didactica que entre nós mal se conheciam, fóra de certos meios intellectuaes e eruditos.

Seguindo por predilecções da minha idiosincrasia esta ordem de estudos, não raro me surprehendo a perguntar em que differia Leopoldo de Carvalho, mestre infantil por acaso, de tantos que a isso se consagram por officio, e não raro tambem a mim proprio me surprehendo a responder: que para ensinar, ainda mais que a sciencia, aliás indispensavel, convem possuir a vocação, de todo insubstituivel.

Leopoldo era por vocação um jardineiro de creanças, e se houvesse apparecido em mais adiantado momento, em logar de enveredar para o theatro, teria enveredado para a Escola Normal, que ajudaria a transformar ou mesmo para a Escola Livre que acabaria por conceber e dar á luz.

Não quizeram os Fados que assim succedesse e elle passou a ensinar meninos grandes n'outro departamento da arte; mas seja permittido a quem ainda agora invoca com saudade os deliciosos instantes passados no convivio de tão carinhoso amigo, depor sobre a sua campa, não ha muito cerrada, esta sincera, sentida homenagem.

Envidraçam-se-me os olhos ao rever a scena d'esse meu primeiro exame, feito no antigo edificio das Merceeiras, á Sé, e a que elle me levou e d'onde depois me conduziu n'um omnibus do tempo, todo enlevado no tal ou qual triumpho ganho n'essa incruenta justa, em que um dos sentenciadores, o tão celebrado padre Amado, não me appareceu nada com a fera catadura que depois ouvi te-lo assignalado ás iras das rapaziada brava...

E como esta que de recordações!

Emfim essa ternura que Leopoldo com todos distribuia e que lhe estava na contextura intima, não sei se com os azares da vida se lhe teria a espaços embaciado, mas eu tive mais de uma vez ensejo de a ver fulgurar em todo o seu esplendor e já que, vivo, nada lhe trouxe senão palmas, quiz que, morto, alguém soubesse que n'esse artista probou, n'esse honrado caracter, se abrigava tambem um adoravel amigo das creanças, isto quando ellas official e mesmo particularmente em regra mais não tinham que inimigos...

AFFONSO VARGAS.



## PORTUGAL

José Viana da Motta declinou um convite ultimamente recebido para assumir a direcção da classe de piano do Instituto Musical de Nova York.

\* \* \*

Tendo já regressado da sua viagem pela America do Sul, d'onde nos enviou a interessante carta que os nossos leitores puderam apreciar no numero passado, encon-

tra-se em Lisboa e reassumiu a sua clinica o sr. dr. Carlos Cilia, diplomado pela Escola Dentaria de Paris.

\* \* \*

Suffragando a alma do apreciado professor Joaquim Antonio Martins, rezou-se em 3 do corrente na igreja do Sacramento uma missa de corpo presente, à qual assistiram a viuva, filhos e mais parentes, bem como alguns collegas do extincto.

Durante a cerimonia funebre uma orchestra de professores executou entre outras obras a *Marcha funebre* de Chopin.

\* \* \*

Segundo noticias ultimamente recebidas de Berlim, o insigne artista portuguez e nosso querido amigo, José Vianna da Motta, está dando os ultimos toques na sua nova obra para côro e orchestra, *Invocação dos Luziadas*, cuja primeira audição terá lugar em Lisboa no proximo inverno.

Vianna da Motta tem tambem entre mãos, como dissemos ha tempos, a revisão da grande edição de Liszt e d'esta obra monumental já estão concluidos os primeiros quatro volumes.

\* \* \*

Sob a epigraphe de *As collecções de instrumentos musicos* publica o nosso illustre collega, Dr. Cardoso Gonçalves, nos *Anais da Academia de Estudos Livres*, um segundo artigo em que brilhantemente se occupa da mallograda creação de um museu instrumental portuguez.

O interesse que ao esclarecido publicista tem suscitado este importante problema d'arte e os termos com que o defende, tão captivantes para o director da nossa revista, são outros tantos motivos para que aqui lhe repitamos a expressão do nosso reconhecimento.

\* \* \*

Começa hoje no Conservatorio a entrega de requerimentos dos alumnos que desejem frequentar essa casa de ensino durante o proximo anno lectivo.

A inscripção termina no fim do corrente mez.

\* \* \*

Teve grande exito em S. João do Estoril um concerto ali organizado pelo maestro Alberto Sarti.

Figuravam no programma varias canções portuguezas, a que deram especial

relevo as sr.<sup>as</sup> D. Maria Ferraz Bravo e D. Sarah Marques de Sousa, que a assistencia saudou com nutridos applausos. Entre as composições executadas, que eram na sua maioria de Alberto Sarti, destacou-se um original da sr.<sup>a</sup> D. Juvenalia Bravo, *Desengano*, que nos dizem ser um mimoso e inspirado trecho.

Tomaram tambem parte no concerto os srs. Cesar Leiria e Manuel da Silva, considerados professores de violino e violoncello.

O maestro Sarti, acompanhado pelos reputados artistas lyricos, D. Cezarina Lyra e Alfredo Mascarenhas, vae realizar pelas diversas thermas e praias uma serie de concertos, que terão em vista, como aquelle de que nos vimos occupando, a divulgação da musica portugueza.

## ESTRANGEIRO

Felix Weingartner deve dar proxima-mente em Berlim um concerto de musica de camara, em que figuram exclusivamente obras suas.

A parte de piano será tocada pelo proprio maestro.

\* \* \*

O nosso conhecido maestro Cleofonte Campanini fez-se empresario em Chicago e organisou uma companhia em que entram artistas de grande cotação, como Mary Garden, Lina Cavalieri, Ernestina Schumann-Heink, Alessandro Bonci, Tita Ruffo e outros.

\* \* \*

A reabertura dos grandes concertos Lamoureux, em Paris, effectua-se em 19 d'este mez. A dos concertos Colonne, sob a direcção de Gabriel Pierné, só terá lugar em 12 de outubro proximo.

\* \* \*

O instituto de Gymnastica rythmica, dirigido por Dalcroze e sito em Hellerau, vae ser transformado em uma sociedade por acções.

\* \* \*

A epoca lyrica da *Monnaie*, de Bruxel-las, que começou em 4 d'este mez, deve ser este anno bastante brilhante, tanto pelo pessoal contractado como pelo repertorio que se annuncia no respectivo elenco.

Entre outras obras importantes, deve cantar-se na primeira scena lyrica belga,

o *Parsifal*, a *Salomé*, a *Elektra*, a *Figlia del Far-West*, *Pénélope*, *Julien*, *L'étranger*, *Istar*, etc.

\*\*\*

Para o Liceo de Barcelona, cuja epoca começará em breve, estão escripturadas, entre outras, as seguintes cantoras: Maria Barrientos, Cecilia Gagliardi e Elonora De Cisneros, o tenor Viñas, o barytono Sanmarco, e como directores d'orchestra, Franz Beidler e Giulio Falconi.

\*\*\*

Um gluckista fervente, o dr. Max Arend, esclarecido critico musical de Dresde, acaba de fundar n'esta cidade uma *Gluck-Gemeinde*, isto é, uma associação ou comunidade esthetica destinada a tornar universalmente conhecido, pela representação e pela impressão, todo o repertorio operatico de Gluck.

Todos sabem a importancia que as obras de Gluck, nomeadamente o *Orpheu*, a *Armidá* e as duas *Iphigenias*, assumiram perante o mundo da arte, sobretudo depois da revolução wagneriana. Hoje são todos unanimes em reconhecer no grande mestre todas as características de um genio absolutamente senhor de si e que subordinou com rara exactidão a expressão á logica dos sentimentos e a imaginação ás leis do estylo o mais puro. Assim, a iniciativa do dr. Arend, a que podem associar-se por modica quota, todos os admiradores de Gluck, é das que teem o exito de algum modo assegurado.

\*\*\*

Gustavo Charpentier, o laureado auctor da *Louise* e do *Julien*, foi convidado para ir a Nova-York assistir á primeira representação da ultima d'essas operas, no Metropolitan Opera.

Essa *première* sensacional deve ter lugar em fevereiro do anno proximo, sendo os principaes interpretes o tenor Caruso e o soprano Farrar e o director d'orchestra o maestro Arturo Toscanini.

\*\*\*

A' lista dos museus instrumentaes, de que nos occupámos em um artigo aqui publicado recentemente, ha a juntar a collecção de Genebra, que acaba de ser legada ao municipio por um colleccionador emérito, de nome Camille Galopin.

Entre os objectos mais curiosos que constituem esta collecção, notam-se um

clavicordio de tres oitavas (sec. XVI) um salterio da epoca de Luiz XV, ornado de preciosas pinturas, uma *trombeta marina* do sec. XV, uma *museta* franceza do sec. XVIII, um bello *archi-alaúde*, um *contrabaixo* com uma unica corda, e um grupo de violinos antigos, todos datados de Genebra.

No *Journal de Genève* encontra-se a descripção summaria de todas as peças que constituem este novo museu.

\*\*\*

Em Veneza vae representar-se dentro em pouco uma velhissima opera de Benedetto Marcello, *Ariana*, que se suppunha perdida. O apparecimento inesperado de uma partitura de piano é que permittiu uma reconstituição, que não será talvez muito fiel, mas que poderá dar uma ideia de mais uma obra do celebre mestre veneziano.

\*\*\*

Essa tardia, mas brilhante, homenagem á memoria do grande compositor Gluck, a que aludimos atraz, faz-nos lembrar o que, tambem na Allemanha, se fez em honra de Bach.

Para a publicação das obras de Bach, fundou-se uma sociedade, a *Bachgesellschaft*, que emprehendeu a edição de toda a obra de Bach. Essa edição colossal, que conta 40 volumes, está hoje concluida, e fundou-se ha tempos uma outra sociedade, a *Neue Bachgesellschaft*, que emprehendeu a missão, não menos colossal, de fazer executar publicamente todo esse enorme repertorio.

Uma das audições da *Neue Bachgesellschaft* deve ter lugar em Eisenach, no proximo dia 27 de setembro.

✠ ✠ ✠ ✠

## ERRATA

Na minha ultima carta, entre erros varios que não vale a pena corrigir, appareceu uma *leicecia* no lugar onde eu escrevera *terceira*. Mais abaixo quando havia escrito «sempre que desejasse deliciar-me da contemplação da beleza», com pasmo me ordenaram «que decepasse delicias». Finalmente em vez de «perdi a soberana faculdade» compozeram «perde». Seja em tudo em desconto dos nossos pecados, os meus e os alhejos.

A. V.